Relatório de atividades nº 3

À Fundação Banco do Brasil
Brasília (DF)

Nº do Contrato	**Período**
2017/02 – OS 15.530	05/2018 a 12/2018

Instituição

Associação Veracidade

Empreendimento

Residencial Jardim Virgínia

Município/UF

Registro	SP

Responsável técnico:

Niege Pavani Rodrigues	
e-mail: pavani.niege@gmail.com	Telefone: (16) 9 8184-2777

1. EXECUÇÃO FÍSICA

I. Início da 2ª TS

A articulação para realização das oficinas parte da formação em horta comunitária foram demoradas, e dependente de diversos fatores externos, o que dificultou e muito a execução de um plano de implantação da 2ª TS mais ajustado às demandas da comunidade do empreendimento.

Tivemos, inicialmente, problemas de sincronicidade de agenda com o Instituto Pólis, e posteriormente limitações de agenda dos moradores para as datas possíveis. Somado à isso, o hiato entre a liberação do recurso para a tecnologia, promove um esfriamento das mobilizações desenvolvidas na primeira etapa do projeto.

Um último fator que comprometeu excessivamente o início da TS foi a dificuldade de diálogo com o poder público municipal com relação à delimitação da área destinada à horta comunitária. Esse processo - da escola da área e formalização do uso pelo projeto

(documentação e afins) - se demorou muito, e por fim acabou por ser decisiva nos desdobramentos dessa etapa.

Formação com o Instituto Pólis

As oficinas com a instituição responsável pela formação em horta comunitária ocorreu nos dia 14 e 15 de julho, sábado e domingo. Os registros fotográficos da formação foram comprometidos por conta da danificação de um aparelho de telefone utilizado na época e que se perdeu durante a formação. De todo modo, a atividade reuniu quórum insatisfatório, agregando cerca de 9 pessoas no primeiro dia (e que foram flutuando ao longo das etapas do dia, não necessariamente permanecendo o dia todo) e somente 2 no segundo dia.

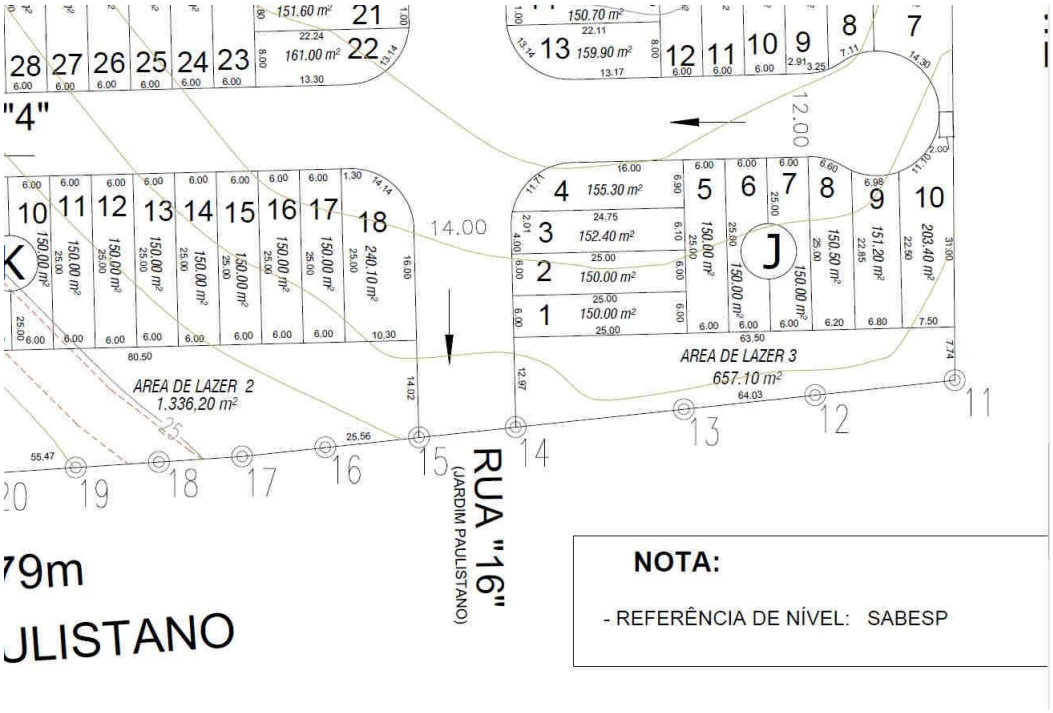
Nosso diagnóstico para o fracasso da mobilização é especulativo, abrangendo desde a longa distância entre a segunda assembleia e a formação. Temos informes também de um número significativo de dificuldades interpessoais entre os moradores mais próximos ao projeto e que configuravam o núcleo de lideranças locais e porta-vozes do MUTS, além de 2 moradoras terem se mudado do bairro. Também houve a avaliação de um morador específico sobre a pedagogia utilizada na formação, mas isso num processo de compreender o não retorno desses moradores presentes no primeiro dia e que não compareceram no segundo.

As listas de presença estão anexas ao final do relatório.

Cabe ressaltar que, como usual, as estratégias de mobilização foram todas utilizadas: divulgação com carro de som por toda a semana que antecedeu a formação, panfletagem em todo o empreendimento, cartazes e grupos de whatsapp.

Implementação da horta

O terreno disponibilizado pela prefeitura era relativamente grande, possuindo quase 650 m². Para o momento da formação, nos preparamos para trabalhar 50% da área, incluindo o cercamento desta e o manejo do solo. Para isso, alugamos uma tobata (tratorito utilizado para revolver o solo, uma vez que diagnosticamos a aplicação abusiva de glifosato na área [conhecido como ‘mata-mato’] e um solo extremamente compactado), como também todos os materiais listados pelo Pólis.



*A área destinada pela prefeitura é a área de **lazer 3***

Infelizmente, os suportes e maquinários não eram suficientes para lidar com a terra disponível, que estava muito compactada e nem mesmo a Tobata foi eficiente em revolvê-la. Não tínhamos também acesso a água, por dois fatores: 1. porque a ligação direta no terreno foi negada pela prefeitura, e 2. porque o terreno, na porção em que iniciamos a horta, não fazia vizinhança de muro com nenhuma casa, tornando muito complexa a logística para um sistema de captação de água de chuva.

O balanço final desta formação é de que não era possível trabalhar aquela terra num período curto, sendo necessário um planejamento longo de recuperação do solo. Pra isso, nos valemos de algumas técnicas de agrofloresta com adubação verde e cobertura com matéria orgânica. A princípio, planejamos retornar à área no período de chuvas para podar as adubações e iniciar os canteiros, na expectativa de que o glifosato já não fosse tão presente na fisiologia do solo, e que as adubações promovessem alguma descompactação também.

Um morador específico foi destacado para o cuidado diário da horta, e em parceria com um vizinho realizar a rega diária das sementes e estacas.

Conflitos com a área

No mesmo dia, tivemos um conflito mais acentuado com relação ao uso da área. Os técnicos do Instituto Pólis foram abordados por um morador das imediações questionando a nossa movimentação na área. O questionamento do morador se deu

motivado pela informação de que o terreno pertenceria à um empresário da cidade, que já estava sabendo no nosso trabalho no local e não estaria satisfeito. O 'boato' do nosso trabalho se espalhou quando do período do cercamento, cerca de uma semana antes da formação com o Pólis. Ainda no mesmo dia, um carro se aproximou da área e de nós e fez alguns registros fotográficos à distância.

Esse fato nos intrigou, inclusive pelo risco de eventualmente estarmos incorrendo em algum tipo de risco. Fizemos alguns contatos com a prefeitura, no sentido de cobrar um documento que formalmente atestasse a posse da área como sendo do município e o nosso uso autorizado pela prefeitura. Após a formação, ainda ficamos nesse processo por cerca de 40 dias, até sermos encaminhados para dialogar com a equipe jurídica da prefeitura, que formalizou a negativa da área para o projeto - mesmo negando a afirmação do suposto empresário de que a área seria dele. Após a negativa oficial, ainda demoramos bastante pra obter o despacho do jurídico por escrito. Foi preciso oficiá-los reivindicando a 'Lei da Transparência' para que nos encaminhassem uma cópia do documento, que também estará em anexo à este relatório.

A história e dúvida da posse da terra gerou, inclusive, a ruptura do processo de colaboração da entidade espírita Lar Vó Meca, que apoiou o MUTS no Jardim Virgínia desde o começo, mas que ao ser cobrado pelo suposto dono do terreno sobre a nossa horta, teria desconfiado da nossa honestidade. O morador responsável pela rega das semenetes também foi abordado por pessoas no mesmo questionamento, e isso foi desestimulando cada vez mais a permanência da horta naquele espaço.

Os desdobramentos do conflito sobre a área levaram a avaliação da Veracidade de que, a partir da recusa formal da prefeitura e as ameaças que alguns moradores haviam sofrendo, remover o cercamento e os plantios. No processo de remoção dos mourões da cerca, alguns chegaram a ser furtados.

A falta de terrenos alternativos junto à prefeitura, ou mesmo alguma propriedade particular que fosse um parceiro em potencial, nos colocou diante da dúvida sobre as condições de continuidade do projeto.

Numa conversa entre os 2 únicos moradores que permaneceram em interesse na colaboração com o MUTS, decidimos tentar uma horta comunitária no quintal de um deles, com o compromisso de divulgar o uso comunitário do espaço, incentivando a troca de mudas, sementes e excedentes na produção. Nos pareceu, naquele momento, a única saída possível para dar continuidade à etapa da 2ª TS.

Horta na casa do Nil

Os dois moradores, então, coordenaram a transferência da horta para a casa do Nil, a nova sede da horta comunitária, e realizaram uma reunião com alguns moradores chave do empreendimento para divulgar a mudança. A transferência foi feita no mês de agosto.

II. Plano de Trabalho da 2ª TS

O plano de trabalho para a 2ª TS, considerando todos os imprevistos, consistiu em 3 etapas ou momentos:

1. A transferência da horta para o quintal do Nil | Agosto
    a. Reunião de articulação com as lideranças comunitárias para conquistar adesão para a transferência
    b. Mutirão de plantio no quintal do Nil
    c. Reunião dos moradores com a entidade local para avaliação de processo de transferência

2. 1ª visita na horta comunitária | Setembro
    a. mutirão de manejo dos cultivos e plantio de novas mudas
    b. reunião com os moradores cuidadores da horta
    c. panfletagem de diálogo com os moradores do empreendimento para sensibilização da importância da adesão aos cuidados da horta

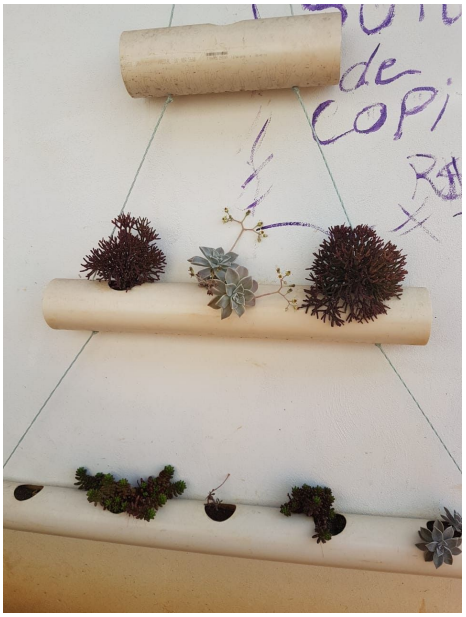
3. 2ª visita na horta comunitária | Dezembro
    a. mutirão de manejo dos cultivos e plantio de novas mudas
    b. reunião com os moradores cureunião com os moradores cuidadores da horta
    c. panfletagem de diálogo com os moradores do empreendimento para sensibilização da importância da adesão aos cuidados da horta
    d. oficina de horta em espaços reduzidos
    e. aplicação de instrumental de diagnóstico das atividades do projeto junto aos moradores
    f. atividade de encerramento oficial do MUTS Registro

III. Reunião GAL

O grupo de GAL não retornou - mais uma vez - a convocatória para o encontro, nem dando sugestões de datas e horários apropriados para a reunião. Apenas mantemos um diálogo informal com o CRAS, pedindo a colaboração com a divulgação da horta.

IV. 1ª Visita da 2ª TS

A primeira visita à tentativa de horta comunitária na casa do Nil aconteceu em 14, 15 e 16 de setembro, e realizamos todas as atividades previstas no plano de trabalho. As imagens abaixo são os registros da primeira visita.



V. Atividades iniciais da 2ª TS

As atividades iniciais da 2ª TS foram compreendidas durante a primeira visita, sendo o mutirão de manejo dos cultivos e plantio de novas mudas, a reunião com os moradores cuidadores da horta e panfletagem de diálogo com os moradores do empreendimento para sensibilização da importância da adesão aos cuidados da horta.

2. RESULTADOS PARCIAIS ALCANÇADOS

I. Início da 2ª TS

Avaliamos que o início foi bastante fragilizados por todos os percalços que descrevemos no ponto 1. Contudo, ainda remanesce - mesmo que em pequena dimensão - um aumento na sensibilização da importância do trabalho comunitário e da valorização do cultivo de verduras e legumes para um programa de soberania alimentar comunitário.

II. Plano de Trabalho da 2ª TS

O plano de trabalho tem sido executado dentro dos prazos, sendo que a última vista e suas atividades serão desempenhadas entre os dias 27 e 28 de dezembro.

III. Reunião GAL

Nossa avaliação e de que o grupo do GAL foi inviabilizado por falta de compreensão e interesse das entidades parceiras, restando apenas o CRAS Paulistano como ator público engajado.

IV. 1ª Visita da 2ª TS e Atividades iniciais da 2ª TS

O balanço da primeira visita é parcialmente positivo: de fato, a horta tem se desenvolvido e há uma troca mínima entre os moradores. Contudo, essa troca tem apresentado limitações, uma vez que a configuração dela dentro de uma propriedade privada e as dificuldades de relacionamento apresentadas pelo morador que sedia a horta tem esfriado a participatividade. Ainda sim, temos persistido nas possibilidades de mobilização.

São Carlos, 14 de dezembro de 2018

Niege Pavani Rodrigues
CPF: 389.184.188-41